

ANGYONE COSTA

A INQUIETAÇÃO DAS ABELHAS

(O que pensam e o que dizem os nossos
pintores, esculptores, architectos e
gravadores, sobre as artes plasticas
no Brasil)

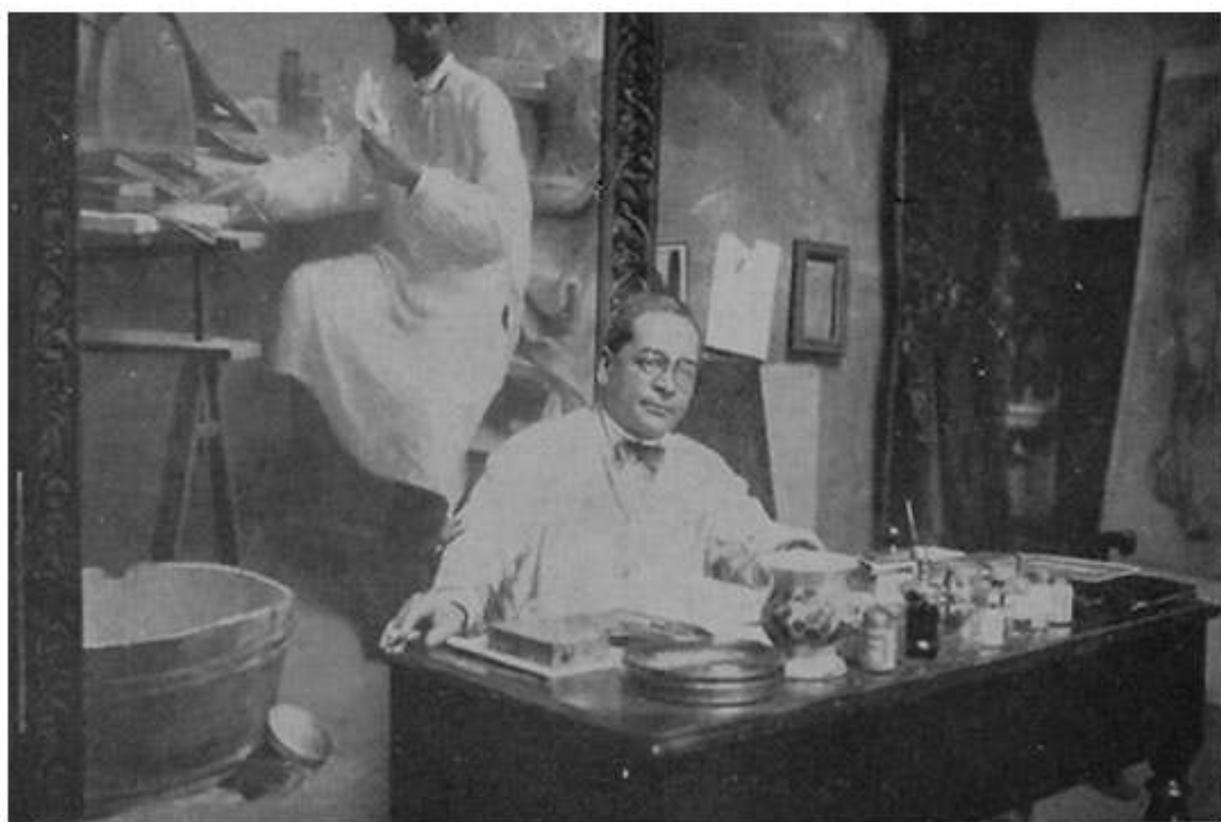


Rio de Janeiro
PIMENTA DE MELLO & CIA.

1927

Texto disponível no site: <http://www.dezenovevinte.net/>

João Timotheo



João Timotheo em seu atelier

A INQUIETAÇÃO DAS ABELHAS

O pintor João Timotheo costuma traçar a directriz da sua vida dentro do lemma da arte para a arte, muito embora a feição sentimental do seu espirito, sem elle se aperceber, desvie-o, constantemente, dessa justa medida e direcção. E dizemos sem elle se aperceber, porque, no intimo, o Sr. João Timotheo gostaria de ser assim, embora contrariamente se defina a quem lhe perscruta a intimidade, apparecendo como a sua natureza o formou, pouco modificada pelos factores sociaes. Verdadeiramente, esse bello artista, que ás vezes procura parecer sceptico, é, na verdade, um homem que vive pelo coração, que se consagrou, na juventude, ao culto affectivo do irmão e hoje tem cabellos brancos, pela saudade da filha. E', desta maneira, um sentimental em lucta com diversos factores moraes, uma individualidade muito differente da que se julga, sendo, que esta differença é constituida por certa somma de belleza, que o torna um artista querido entre os seus companheiros de arte. E' um temperamento onde ha incongruencias, no sentido elevado da expressão. E' sincero na exposição do seu pensamento, ás vezes displicente, incapaz, porém, de felonias.

Num momento em que é muito commum, aqui no Rio, esquecer o que o professor Bruno Lobo, amigo dos artistas, fez durante muito tempo pela classe, o Sr. João Timotheo toma a defesa deste nome olvidado e procura rehabilital-o, em meio á conspiração do silencio que se esforça por envolvel-o. E' uma attitude elegante, que define em traços fortes o seu character e deixa a convicção de que o Sr. João Timotheo colloca em alta conta o sentimento da amizade.

Apressado, tendo horario preestabelecido, que não nos permittiu delongar a visita que fizemos ao seu confortavel "atelier", o Sr. João Timotheo se nos definiu assim, perante os nossos olhos, nessa manhã quente de Agosto, agitado, inquieto, movediço...

O MOMENTO ARTISTICO NO BRASIL

— Que pensa da vida artistica brasileira contemporanea?

— Não é facil responder. Por um lado, podemos asseverar que hoje se faz arte e se vive bem, dentro da arte, no Brasil. Muito differente do que foi ha annos atraz. Na geração anterior á nossa, os dissidios eram muito maiores, os artistas viviam separados, afastados por intrigas e resentimentos.

malquistados, numa vida menos productiva e creadora. O homem, em constante lucta, nunca pôde produzir uma obra perfeita de arte. As excepções, como Miguel Angelo, genio soturno, que enche a pagina mais brilhante de transição da idade média, não formam exemplo, por isso mesmo que são isoladas, brotos de genio, rispídos, surgidos para quebrar a monotona coherencia da vida. Por isso é que eu affirmo que hoje ha um ambiente mais propicio á arte, no Brasil, resultando deste ambiente uma obra mais solida e perfeita, para quantos fazem arte, pelo que ella pôde offerecer como noção de belleza. Antigamente a vida do artista era isolada, não tinham uma sociedade onde trocar idéas, viviam separados, cada qual montado na sua propria convicção de ser maior que o outro, divididos por questiunculas, sem expressão nem côr. Agora, não. O meio é outro. Os artistas estimam-se, re-unem-se diariamente, trocam idéas, vivificam a arte. Para essa obra de aproximação, muito vae concorrendo a Sociedade Brasileira de Bellas Artes, instituição utilissima, que preenche honestamente os seus fins. Alli ha uma constante agitação em torno dos assumptos que mais de perto nos interessam; ha uma animada vibração, pelas coisas que directamente falam ao sentimento de todos nós. A Sociedade é um ponto de reunião, uma casa acolhedora, um centro honesto de trabalho, que só resultados bons tem trazido ás incipientes bellas-artes no paiz. Fructo da vontade de todos os artistas da minha geração, até hoje não tivemos occasião de lastimar os esforços que nos congregaram, por isso que só benesses a Sociedade tem semeado. Dirigida, primeiramente, por um artista, o architecto Raphael Galvão, a Sociedade Brasileira de Bellas Artes, remanescente da Juventas, foi dirigida, mais tarde, por um amigo incansavel da classe, que nos dispensava a mais acolhedora sympathia. Foi o Bruno Lobo. Artista de temperamento, o Bruno utilizava todo o prestigio de que no tempo dispunha, para nos dar trabalho, estimulando as artes. Como director do Museu Nacional, que o foi por muitos annos, com assignalada competencia, Bruno Lobo creava, improvisava, inventava serviços para todos que o procuravam.

Era um desenho, uma decoração, uma reproducção de bichos para estudo das secções do Museu, tudo, em summa, que justificasse, honestamente, o consumo da verba, amparando o artista. Não era assim com um ou outro grupo. Era-o indeterminadamente com quantos necessitassem de trabalhar e o procurassem. Fazia até lembrar o grande Ennes de Souza. Nem todos sabem. Ennes de Souza foi, no Brasil, um verdadeiro Mecenas e muitos artistas, só se fizeram taes, porque tiveram a sorte de encontral-o, nos primeiros postos da carreira, quando os golpes fortes da adversidade podem desviar uma vocação. Eu e Arthur, Rodolpho Chambelland, Eugenio Latour, Calixto Cordeiro, Almeida Junior, Arthur Lucas, talvez só tenhamos conquistado todos os degrãos da carreira, devido a Ennes de Souza. Essa grande intelligencia dirigia a Casa da Moeda e com os recursos de que dispunha procurava descobrir, nas creanças, nos apprendizes, nos operarios, indícios de intelligencia, inclinação por qualquer arte, para cultival-a, estimulal-a, desenvolvel-a. A sua visão era tão larga, que elle não trepidou em fundar, dentro das verbas da Casa da Moeda, um curso de humanidades, que se ini-

ciava nas primeiras letras e ia até o preparo completo para abrir ao alumno qualquer porta de estabelecimento superior.

Quer ver um engenheiro notavel, deste tempo? O Dr. Hostilio Pereira de Novaes, actual encarregado da fabricação do gaz da Light, o qual fez todo o curso na Casa da Moeda, sahindo á hora das aulas e voltando depois destas encerradas, para assignar o ponto.

Nós, artistas, figuravamos nas folhas de aprendizes e o eramos, de facto, applicando uns a sua actividade em desenhos de machinas, outros em desenhos de moedas e sellos, em tudo que fosse obra util e pudesse justificar a nossa presença em folha. A Casa da Moeda era para nós como que um semi-internato. Entravamos pela manhã, á hora dos demais empregados da nossa classe, iamos para o trabalho, para as lições dos cursos e, á hora da aula na Escola de Bellas Artes, para lá nos encaminhavamos, regressando ao terminar os trabalhos, para assignar o ponto de sahida. Dirigindo por essa maneira singuiarmente intelligente a Casa da Moeda, Ennes de Souza fez mais, pelo Brasil, durante a sua direcção, que todos os cumpridores do Regulamento e burocratas que por lá têm passado. Concorreu, fortemente, de maneira definitiva, mesmo, para a formação de varios elementos operosos na sociedade brasileira, enriquecendo-a com uma brilhante camada de artistas, engenheiros, medicos, que, sem o seu concurso, necessariamente, não teriam feito carreira.

O ENSINO DAS BELLAS ARTES

— É como julga, do ponto de vista pedagogico e technico, o ensino das Bellas Artes, no paiz?

— Regular, podendo ser muito melhor. Offerece, dentro da organização actual, margem muito larga para radicaes reformas. Em principio, o governo devia estabelecer cursos livres, entregues a artistas de nomeada, com subvenção e fiscalização de trabalho, que permittisse ao estudante, com uma quantia modica, frequentar as suas aulas.

A Escola de Bellas Artes ficaria com o character de estabelecimento official, para os alumnos que desejassem fazer o seu curso dentro dos moldes academicos. A necessidade desta reforma explica-se pelo proprio sentimento e objectivo da arte. Na escola official o alumno tem a obrigação de moldar a sua inspiração pelo programma préviamente approvedo, estudando de accordo com as tendencias "officiaes" do professor da cadeira, pintando á sua maneira, esboçando segundo os ensinamentos do professor, anniquilando, em summa, a sua personalidade, para seguir a predicação cathedratica do professor que o Estado lhe dá. Ora, muitas vezes, a revelação desperta, no artista, pela maneira determinada deste ou daquelle mestre, que o commoveu e o impressionou. Sendo assim, o artista indo pintar com esse mestre, encontra facilidades, depara estímulos que não teria, tendo de enfeixar o seu pensamento dentro de moldes diversos. Sentimento, inspiração, são espontaneos, não podem ser desviados sem que o artista perca o melhor das possibilidades de vencer na sua arte. O curso livre, que não devia ser um, mas diversos aqui e nos Estados, assegura ao artista a liberdade, a independencia absoluta, de que a sua intelligencia necessita, para produzir obra estavel. Um artista

que, digamos, gostando de pintar e só sentindo a pintura á maneira de Visconti, por exemplo, seja obrigado a estudar, a copiar, a desenhar, a pintar, em summa, á maneira de Amoêdo, está inicialmente condemnado a perder 50 % das suas possibilidades, não porque um ou outro desses professores possa ser considerado inferior, comparados entre si, mas porque ambos representam escola, tendencia, technica, ou que nome melhor tenha, radicalmente diversos. Dahi a necessidade do curso livre. Neste o alumno aprende o que quer, como quer, desenvolvendo a sua sensibilidade, independentemente de forças estranhas, que o embarcem no curso. E não julgue que é de pouca importancia, sob o ponto de vista tecnico, o que lhe estou a dizer. Se determinado pintor sente a pintura de accordo, digamos, com a maneira de Parreiras, só com este pintor encontrará facilidades para, com pequeno esforço se fazer um grande artista. Na arte não é possível forçar ou desviar vocações. Pelo contrario. Ha necessidade de estimulal-as, sem contrariar-as nunca, afim de que possam dar tudo quanto ao talento é possível produzir. Propriamente quanto á Escola de Bellas Artes, neste momento, estou em absoluto, tranquillo. Dirige-a uma das nossas mais cultas e fulgurantes cerebrações. José Marianno é uma das mais radiosas intelligencias que tenho conhecido e, ao meio artistico, elle só poderá trazer vantagens, por isso que é um encantado da arte e por ella tudo faz, sendo, individualmente, um desinteressado amigo de cada um de nós. Acredite que tenho receio de que ainda venhamos a perder a efficiencia de José Marianno, na Escola de Bellas Artes, devido a circumstancias a que os seus amigos sejam alheios. E este prejuizo seria insanavel, porque José Marianno tem independencia, tem prestigio social, tem intelligencia, qualidades que, simultaneamente mobilizadas, podem emprestar-lhe um relevo inconfundivel, no interesse das Bellas Artes, no posto em que se encontra, nesta hora. Porque é preciso confessar, mesmo dentro do criterio official do ensino, a Escola de Bellas Artes tem muita coisa que deve ser reformada. Não só no que se refere ao curso, como ás dependencias que a elle estão ligadas.

O Conselho Superior de Bellas Artes, por exemplo, precisa de uma alteração capital, na sua organização e nas funcções que lhe cabe desempenhar. Como está organizado, é que não pôde, não deve continuar. O criterio da escolha dos seus membros, por exemplo, é tudo quanto ha de mais condemnavel. Poresse criterio, emquanto artistas de nomeada estão excluidos do seu gremio, ha nomes, alli, que de arte nada entendem.

— Por que o Sr. Benno Treidler faz parte do Conselho?

— Ninguem sabe explicar. Entretanto, elle lá está, occupando um lugar que melhor conviria a outro, por um capricho prepotente de Heitor de Mello.

Outros nomes existiam no momento da escolha. O Sr. Heitor de Mello, teimoso na preferencia, achou que devia sustental-o a todo transe, ferindo embora direitos de toda ordem, de outras pessoas que melhormente ficariam no lugar. E como o Conselho, o Jury de Bellas Artes. Esta instituição necessita, por sua vez, passar por séria reforma, que assegure melhor os direitos dos artistas que pleiteam, sobretudo, o premio de viagem. Nos moldes actuaes do jury, o expositor fica muito preso ao criterio, á bôa vontade, ao proposito dos professores da Escola. Estes facilmente transportarão para

alli a sua personalidade e poderão concorrer para inflingir injustiças, pre-estabelecer conceitualistica sobre artistas em formação, que ainda não tendo uma personalidade completamente definida, precisem encontrar imparciaes e insuspeitados julgadores, para os seus concursos annuaes.

Em resumo, meu amigo, o programma da Escola precisa de reforma e mais do que o programma, o ensino geral das Bellas Artes. E esta reforma devemos fazel-a dentro de um criterio mais liberto de preconceitos, onde seja mais respeitada a personalidade do artista. Convenhamos que não é possivel fazer innovações, em arte, por decreto. Tambem as revelações artisticas são outro ponto importante, que é preciso estudar. Mesmo as verdadeiras revelações se entibiam, sendo tratadas com estreiteza. O talento precisa viver livre, agitar-se em liberdade, para poder produzir. Veja Puvis de Chavannes, o maior decorador moderno, que se fez artista quando outros, geralmente, já cansaram e entraram em decadencia; Puvis de Chavannes começou a pintar aos 50 annos. E não só elle. Outros grandes vultos das artes estiveram em desaccordo com o seu meio e venceram pela força do talento ou inspiração do seu genio, quando lhes foi opportuno e propiciado o momento. Verdi soffreu reprovação em concurso de admissão da Escola de Musica Official, sob a accusação de que não tinha inclinação para a musica. E outros tambem passaram por iguaes vexames, porque nem sempre o talento se sujeita a moldar-se aos canones officiaes.

TRAÇOS INTERESSANTES DO ARTISTA

— Fala o Sr. João Timotheo:

De mim, propriamente, não tenho nada a dizer. O mais interessante já revelei, que foi a influencia benefica que, na minha vida e na de outros artistas do nosso meio, exerceu Ennes de Souza. Este é o traço luminoso da minha existencia e cumpre-me recordal-o sempre. Demais, quanto aos outros detalhes, tudo vulgar. Sou filho do Rio de Janeiro, aqui mesmo nesta cidade, ao tempo do meu nascimento, Districto da Côrte. Entrei para a Escola de Bellas Artes, nas condições que já detalhei, ahi por 1894. Estudei oito annos, fazendo todo o curso sob a protecção do Dr. Ennes de Souza, que me creou a possibilidade do estudo. Fui primeiramente alumno de desenho de Daniel Bernhard, submettendo-me mais tarde a concurso, para a classe de pintura, passando a ser alumno do professor Rodolpho Amoêdo. Pintura, propriamente, estudei cinco annos, frequentando modelo vivo, com Zeferino da Costa. Compareci sempre aos salões annuaes, tendo obtido todos os premios até a pequena medalha de ouro, menos o de viagem, que nunca pleiteei.

E' curioso, pois não é? Parece que a Europa me infundia certo receio, pavor.

Entretanto, lá estive, — e que agradavel temporada foi essa — mas como verdadeiro artista, contractado pelo governo brasileiro para fazer decorações no pavilhão da Exposição de Turim, na companhia de outros collegas. Esta commissão durou um anno e pouco, tendo-me servido para que ficasse conhecendo os museus de arte da Italia, da França, da Suissa, e de Barcelona, na Hespanha.

Acredite, porém, que de todos os museus que percorri, o mais interessante é o de Luxemburgo. É o grande mostruário de arte moderna, o salão que consagra ou anulla o artista. Dalli sahe o artista para o Louvre, depois que a morte lhe consagra o genio ou então para a vulgaridade, mediana e chata, desde que os seus quadros não tenham entrada no salão, o que quer dizer deixem de ser adquiridos para figurar entre os valores officiaes.

E a proposito:

Já notou como não ha acquisidores para os quadros do nosso salão? É uma pena. Não se vende nada. Parece mesmo que o publico não sabe que os quadros estão expostos para serem comprados.

Tambem, pudera! Nada indica que sejam alli collocados com este fim. Nem uma referencia de preço, nem um aviso nos jornaes.

— De quem é a culpa, afinal?

Da propria organização do salão, que não procura estimular os compradores, dando-lhes a eficiencia pratica, que não póde deixar de ter. No fundo, a culpa dos proprios interessados; do governo é que não.

Geralmente, temos nós, artistas, o habito de dizer que as autoridades não se interessam pelas coisas de arte. É uma inverdade. Não ha presidente da Republica ou ministro que haja recusado, algo de razoavel que lhes tenhamos pedido. Apenas, o que é preciso é confessar que não sabemos pedir, nem temos quem fale aos administradores, com autoridade, sobre os interesses que cabe ao artista defender. Os poderes publicos são, porém, de uma grande inclinação e generosidade para as obras de arte e posso afirmar que, pessoalmente, muito se têm esforçado para as victorias que as artes vão conquistando aqui. E se não fosse assim, nós não teriamos um numero tão grande de artistas, vivendo da arte e para a arte. Eu, por exemplo, nem alumnos acceto, porque não tenho tempo disponivel para dar lições. Todas as minhas horas estão tomadas pelas encommendas que me são confiadas. Trabalho muito e posso, de relance, lembrar-lhe decorações que tenho executado, como a da Camara dos Deputados, salão de honra, "hall" do Museu Nacional, Fluminense F. C., Copacabana Palace e, agora mesmo, a residencia dos Drs. Agenor e Abel Porto.